



# **Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3**

---

**Marcos William Kaspchak Machado  
(Organizador)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Marcos William Kaspchak Machado  
(Organizador)

# Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I34 Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas  
3 [recurso eletrônico] / Organizador Marcos William Kaspchak  
Machado. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. –  
(Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais  
Aplicadas; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-163-3

DOI 10.22533/at.ed.633191103

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.  
I.Machado, Marcos William Kaspchak. II. Série.

CDD 370.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O livro “*Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3*” aborda uma série de capítulos de publicação da Atena Editora, subdivididos em 4 volumes. O volume III apresenta, em seus 33 capítulos os estudos mais recentes sobre aplicação de ferramentas educacionais básicas e aplicadas à inclusão, além de uma série de capítulos que abordam o cenário atual do sistema educacional brasileiro.

As áreas temáticas de educação e suas ferramentas de inclusão mostram o papel de desenvolvimento social, onde incluir ferramentas de inovação no ambiente educacional é, além de um desafio, um objetivo de direcionar à sociedade ao futuro esperado por todos e sem desigualdades.

A educação é historicamente uma ciência de propagação e disseminação de progresso, percebido no curto e longo prazo em uma sociedade. Observamos que a construção da ética, proveniente da educação e inclusão, traz resultados imediatos no ambiente em que estamos inseridos, percebidos na evolução de indicadores sociais, tecnológicos e econômicos.

Por estes motivos, o organizador e a Atena Editora registram aqui seu agradecimento aos autores dos capítulos, pela dedicação e empenho sem limites que tornaram realidade esta obra que retrata os recentes avanços inerentes ao tema.

Por fim, espero que esta obra venha a corroborar no desenvolvimento de conhecimentos e novos questionamentos a respeito do papel transformador da educação, e auxilie os estudantes e pesquisadores na imersão em novas reflexões acerca dos tópicos relevantes na área social.

Boa leitura!

Marcos William Kaspchak Machado

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
REFLEXÃO SOBRE A AVALIAÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Manoel de Jesus Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.6331911031	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
O PROCESSO AVALIATIVO EM LÍNGUA PORTUGUESA: EFEITOS NA VIDA DE PROFESSORES E ALUNOS	
Alba Cristhiane Santana	
Vitória Palhares França	
DOI 10.22533/at.ed.6331911032	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
O LÚDICO COMO POSSIBILIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Suélen Normando da Silva Vasconcelos	
Sangelita M. Franco Mariano	
DOI 10.22533/at.ed.6331911033	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>27</b>
APLICABILIDADE DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE PONTUAÇÃO (ANOS INICIAIS): DA TEORIA À PRÁTICA	
Raimunda Francisca de Sousa	
Anderson Cristiano da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6331911034	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
REFORÇO ESCOLAR: UMA MANEIRA LÚDICA DE APRENDER	
Ivonilda Rosa Pereira Nascimento	
Marineusa Carvalho Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.6331911035	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
A PRODUÇÃO DE JOGOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE BIOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Natalia Carvalhaes de Oliveira	
Sandra Zago Falone	
Natalie Tolentino Serafim	
Matheus Ribeiro Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.6331911036	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>58</b>
JUVENTUDE E ESCOLA NO MUNICÍPIO DE CAMPO ALEGRE DE GOIÁS	
Divina Aparecida Correia da Silva Marcelino	
Maria Zenaide Alves	
DOI 10.22533/at.ed.6331911037	

**CAPÍTULO 8 ..... 65**

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO PPGSS/UFPB NOS ANOS 2000:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO VINCULADAS À ÁREA DE  
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida  
Lucicleide Cândido dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.6331911038**

**CAPÍTULO 9 ..... 80**

PROFESSOR MEDIADOR – UMA ANÁLISE LITERÁRIA DO DOCENTE E SEU PAPEL JUNTO AS  
NOVAS GERAÇÕES

Isaura Maria dos Santos  
Mario Augusto de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.6331911039**

**CAPÍTULO 10 ..... 85**

PROGRAMA DE REFORÇO DE CONTEÚDOS DO ENSINO MÉDIO COMO ESTRATÉGIA PARA  
REDUZIR A REPROVAÇÃO DE CALOUROS E MELHORAR OS INDICADORES DE PERMANÊNCIA  
NO ENSINO SUPERIOR

Glaucia da Silva Brito  
Dione Maria Menz  
Eduarda de Sousa Lemos  
Karine Danielle Muzeka  
Paula Cristina Stopa

**DOI 10.22533/at.ed.63319110310**

**CAPÍTULO 11 ..... 93**

UTILIZAÇÃO DE MAPAS CONCEITUAIS COMO ESTRATÉGIA DE INOVAÇÃO METODOLÓGICA:  
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Karla Rona da Silva  
Marina Dayrell de Oliveira Lima  
Leila de Fátima Santos

**DOI 10.22533/at.ed.63319110311**

**CAPÍTULO 12 ..... 104**

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE SAÚDE E O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS DE  
APRENDIZAGEM

Priscila Santos da Silva Navarenho  
Renato Campos Pierotti  
Maria Angela Boccara de Paula

**DOI 10.22533/at.ed.63319110312**

**CAPÍTULO 13 ..... 112**

METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM  
SAÚDE: CONSTRUÇÃO DE LIVRO DIDÁTICO DIGITAL UTILIZANDO A SALA DE AULA INVERTIDA  
E A PROBLEMATIZAÇÃO

Rafaela Benatti de Oliveira  
Isabel Cristina Chagas Barbin  
Henrique Salustiano Silva  
Ana Carolina Castro Curado  
Marcia Cristina Aparecida Thomaz

**DOI 10.22533/at.ed.63319110313**

**CAPÍTULO 14 ..... 123**

O QUIZ DO BIS: USO DO KAHOOT COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM

Danilo Sande Santos  
Denise Sande  
Leandro Andrade Sande da Silva  
Larissa Sande de Oliveira  
Mirian Silva Adorno

**DOI 10.22533/at.ed.63319110314**

**CAPÍTULO 15 ..... 129**

O *LISTENING* NAS AULAS DE INGLÊS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: POSSIBILIDADES COM O USO DE VÍDEO DO *YOUTUBE*

Daniela Bandeira Navarro

**DOI 10.22533/at.ed.63319110315**

**CAPÍTULO 16 ..... 138**

USO DE MATERIAIS ALTERNATIVOS PARA DESENVOLVIMENTO DE AULAS EXPERIMENTAIS

Karla Soares Matias  
Karla Nara da Costa Abrantes  
Clemerson Fernandes da Silva  
Kesley dos Santos Ribeiro  
Nubia Abadia Silva  
Luciano Alves da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.63319110316**

**CAPÍTULO 17 ..... 145**

USO DA EXPERIMENTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE MODELOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE QUÍMICA

Paulo César dos Santos  
Adrielly Aparecida de Oliveira  
Luciana Maria Borges  
Tiago Clarimundo Ramos

**DOI 10.22533/at.ed.63319110317**

**CAPÍTULO 18 ..... 151**

BIOQUÍMICA NO ENSINO MÉDIO: CONTRIBUIÇÕES DE UM JOGO DIDÁTICO SOBRE CARBOIDRATOS E LIPÍDIOS

Adrielly Aparecida de Oliveira  
Paulo César dos Santos  
Tiago Clarimundo Ramos

**DOI 10.22533/at.ed.63319110318**

**CAPÍTULO 19 ..... 155**

JOGO DO MAPA METABÓLICO: NOVAS ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE BIOQUÍMICA

Natália Tomich Paiva Miranda  
Andréia Almeida Mendes  
Roberta Mendes Von Randow

**DOI 10.22533/at.ed.63319110319**

<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>165</b>
COLETA, ISOLAMENTO E IDENTIFICAÇÃO DE COGUMELOS: Atividade Prática Supervisionada	
Alessandra Cristine Novak Sydney	
Eduardo Bittencourt Sydney	
Bárbara Ruivo Válio Barretti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110320</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>177</b>
EXPLORANDO ORGANELAS: TECNOLOGIA E LUDICIDADE A FAVOR DA INCLUSÃO	
Daise Fernanda Santos Souza	
Maria Angélica Cezário	
Isabel Thayse Barbosa	
Regina Maria de Fátima Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110321</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>183</b>
BURRO D'ÁGUA DE LIGAÇÕES QUÍMICAS	
Karla Nara da Costa Abrantes	
Karla Soares Matias	
Kesley dos Santos Ribeiro	
Tatiana de Oliveira Zuppa	
Nubia Abadia Silva	
Luciano Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110322</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>189</b>
JOGO LÚDICO SOBRE ABELHAS NATIVAS COMO MEDIAÇÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM	
Thaís de Oliveira Saib Chequer	
Thaís de Moraes Ferreira	
Patrícia Batista de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110323</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>195</b>
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE: UMA RELAÇÃO COM O ENSINO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA	
Regimar Alves Ferreira	
Luciene Lima de Assis Pires	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110324</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>204</b>
A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E A CIÊNCIA PÓS-MODERNA DE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS	
Sandro Luiz Leseux	
Lucenildo Elias da Silva	
Marta Maria Pontin Darsie	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110325</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>217</b>
CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INFANTIL (CREI): UM ESPAÇO PARA CRIANÇAS SURDAS NA CIDADE DE JOÃO PESSOA/PB	
Ana Dorziat	
Edleide Silva do Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110326</b>	

<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>234</b>
PERFIL DOS ALUNOS DE EJA EM ITAÚBA – MT	
Nilson Caires Ferreira	
Camila José Galindo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110327</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>245</b>
EQUOTERAPIA COMO AUXILIO A ANDRAGOGIA	
Alvaro Bubola Possato	
Priscila Santos da Silva Navarenho	
Josiane Guimarães	
Patrícia Ortiz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110328</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>253</b>
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO	
Jaqueline Moraes Freitas	
Gabriela Ferreira Alves	
Fabio Pereira Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110329</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>265</b>
UMA REFLEXÃO SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA, A REALIDADE ESCOLAR E A FORMAÇÃO CONTINUADA.	
Silvania Leopoldina Dos Santos Martins	
Rudinelia Silva Freitas de Oliveira	
Jamille Almeida dos Santos	
Ivonilda Rosa Pereira Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110330</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>271</b>
EDUCAÇÃO ESCOLAR EM UNIDADE DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA - A VISÃO DE PROFESSORES: UMA HIATO ENTRE O PROPOSTO E O VIVIDO.	
Daiane Trindade da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110331</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>275</b>
A SUBVERSÃO DA EDUCAÇÃO: NARRATIVAS DO PROCESSO FORMATIVO DO DETENTO NO CONTEXTO PENITENCIÁRIO E SEU IMPACTO NA RESSOCIALIZAÇÃO	
Thayla F. Souza e Silva	
Filomena Maria de Arruda Monteiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110332</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>288</b>
O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DOS INDICADORES DA QUALIDADE NOS CENTROS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE SALVADOR: UMA EXPERIÊNCIA DE GESTÃO DEMOCRÁTICA	
Roberta Pereira Souza do Carmo	
Antonio Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63319110333</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>301</b>

## A SUBVERSÃO DA EDUCAÇÃO: NARRATIVAS DO PROCESSO FORMATIVO DO DETENTO NO CONTEXTO PENITENCIÁRIO E SEU IMPACTO NA RESSOCIALIZAÇÃO

**Thayla F. Souza e Silva**

(PPGE/UFMT) – thaylasilva@sejudh.mt.gov.br

**Filomena Maria de Arruda Monteiro**

(PPGE/UFMT) – filarruda@hotmail.com

“(...) não podendo tudo, a prática educativa pode alguma coisa.”

Paulo Freire

**RESUMO:** O trabalho objetiva refletir as experiências da pessoa privada de liberdade em seu processo formativo no sistema penitenciário tendo como metodologia a abordagem qualitativa. O sistema custodia pessoas em conflito com a lei mantendo com intuito manter a paz social. Contudo dentro do sistema o que pode ocorrer é o contrário pois o custodiado devido a situação de privação (fragilização de vínculos, adoecimento físico e emocional, adaptação a nova cultura e regras do sistema) pode contribuir para a banalização da violência e criminalidade. Situação essa que foge do objetivo do sistema que é a recuperação desse sujeito, portanto contribuindo com caos social, pois esse mesmo sujeito retornará ao convívio social, desta vez de forma mais fragilizada do que entrou, emocional, social, fisicamente etc. Supõe-se que o processo formativo do detento perpassa mais pela informalidade do

que a educação formal, ou seja, se aprende mais as mazelas da criminalidade do que o ensino regular no sistema, como fruto de processos disciplinares e de habitus como argumentam os autores Michel Foucault e Bourdieu. Pesquisar o assunto possibilita uma reflexão sobre mecanismos envolvidos nesse processo formativo, como eles têm interferido na reincidência, a partir da discussão dos elementos envolvidos nas experiências dos detentos, como o sistema penitenciário contribui com esse processo, do que se alimentam, consolidam e o que provocam no detento, e como essas experiências impactam em seu processo de ressocialização.

**PALAVRAS CHAVES:** EDUCAÇÃO. PROCESSO FORMATIVO. RESSOCIALIZAÇÃO. PRISÃO.

**ABSTRACT:** The objective of this study is to reflect the experiences of the person deprived of freedom in their formative process in the penitentiary system, having as methodology the qualitative approach. The system keeps people in conflict with the law while maintaining social peace. However, within the system, what may occur is the opposite, because custody due to deprivation (weakening of bonds, physical and emotional illness, adaptation to new culture and system rules) can contribute to the trivialization of violence and crime. This situation escapes

the objective of the system that is the recovery of this subject, therefore contributing to social chaos, because this same subject will return to social life, this time in a more fragile way than he entered, emotionally, socially, physically, etc. It is supposed that the formative process of the detainee perpasses more by the informality than the formal education, that is to say, if it learns more the ills of the criminality than the regular education in the system, as a result of disciplinary processes and of habitus as the authors Michel Foucault and Bourdieu. Research on the subject makes possible a reflection on the mechanisms involved in this formative process, how they have interfered in the recidivism, from the discussion of the elements involved in the experiences of the prisoners, how the penitentiary system contributes to this process, what they feed, consolidate and what provoke in the prisoner, and how these experiences impact on their process of resocialization.

**KEYWORDS:** EDUCATION. TRAINING PROCESS. RESEARCH. PRISON.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir através das narrativas de vida o processo formativo da pessoa privada de liberdade no sistema penitenciário, de como esse percurso experienciado no sistema impacta em sua ressocialização. A reflexão faz parte da dissertação de mestrado da primeira autora que terá como metodologia de investigação da pesquisa a abordagem qualitativa com ênfase na pesquisa narrativa.

Pois bem, por que falar do contexto penitenciário e seus emaranhados, se o principal objetivo dele diante da sociedade, já está imposto na representatividade social, que é fazer justiça as pessoas que alguma maneira foram vitimizadas por algum tipo de violência. O que isso tem haver com a vida privada e particular de cada um de nós cidadãos? Qual a importância e relevância de abordar esse tema, se parece óbvio de que o detento ali se encontra por ter infringido a lei em algum momento e deve ser penalizado por isso. Que política de recuperação desse detento infrator está imposto pelo sistema a ele? Como ele reage a essa política? Em que se baseia? Por que ela merece nossa atenção?

Essas e muitas outras indagações se fazem por aqui, numa tema e contexto polemico, complexo, consideraria aqui, espinhoso, pois não é nada agradável falar do lado negro da nossa sociedade e do próprio ser humano de maneira geral, que erra, que machuca, que manipula, que destrói, que faz sofrer.

Por outro lado, esse mesmo ser humano, não só o privado de liberdade, poderá reorganizar suas mazelas e emaranhados, ressignificar sua história e dar novo sentido a ela, a medida que essa violência não venha ao encontro, a partir da reflexão de suas escolhas e experiências, bordando em um novo processo de sua formação enquanto pessoa no mundo.

Dominincé (1988, p. 138) afirma que *“a formação de um adulto não pertence a ninguém se não a ele próprio”*, e que *“(...) a história de formação de cada um é uma*

*história de vida*". Nesse sentido, compreender essa formação em seu processo está intrinsecamente associada a um novo por vir desse mesmo ser, que este artigo se aterá, a pessoa privada de liberdade.

Falar de a pessoa privada de liberdade num contexto social antes de ser penitenciário, é abordar sim a sociedade em suas complexidades, problematizações num movimento que teoricamente busca a harmonização dos que dela integram. Como diz Montesquieu “a injustiça que se faz a um é a ameaça que se faz a todos”, ou seja, não dá para pensar uma sociedade harmoniosa sem abordar suas contradições, desavenças, seus excluídos, que na verdade também fazem parte de todo social. De forma prática, no Brasil não existe pena de morte como sanção, logo, toda pessoa em conflito com a lei, com restrição de liberdade como penalidade, retornará ao convívio social novamente. Realidade esta que parte considerável da sociedade negligencia o olhar.

Ainda sobre o sistema penitenciário, e por esse contexto, o que tem haver com harmonização e paz social? Ora, se a mesma se propõe ao restabelecimento dessa pessoa em conflito com a lei a integração em sociedade, de que maneira ela busca essa fazer isso? A Lei de Execução Penal - LEP<sup>1</sup> no Brasil preconiza esse caminho, através da assistência educacional.

Neste contexto, se tentará compreender essa ressocialização a partir de como a política da LEP, pensou enquanto normatização a formação desse individuo dentro do sistema, partindo num segundo momento a leitura que o próprio filósofo Foucault e sociólogo Boudieu realizou desse contexto penitenciário, enquanto processo formativo de subversão dessa política com enfoque educacional.

## **SISTEMA PENITENCIÁRIO E EDUCAÇÃO**

O Sistema penitenciário é órgão que acolhe as pessoas em conflito com a lei, nesse acolhimento proporcioná-lo cuidados, seja de alimentação, de saúde quando necessário, condições de moradia, lazer, formação educacional, profissional dentre outros, durante processo de custódia, conforme preconiza a Lei de Execução Penal, que em seu artigo:

“Art. 1º A execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado.”; (...)Art. 10. A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade; Art. 11. A assistência será: (...) IV – educacional.”

Quanto a educação, a pessoa privada de liberdade poderá usufruir do direito de assistência educacional, desde a alfabetização até a integralidade de seus estudos, bem como remissão de pena - cada três dias estudados reduz um dia da pena. Contudo

1. “Citado em “Devoirs du chef: déontologie et psychologie professionnelle (...)”. Max Lambert -Presses Universitaires de France, 1942, 2ª. Ed. P. 102.

Lei Nº 7.210 - de 11 de julho de 1984.

nesse contexto existe inúmeras variáveis que atravessam o percurso da educação: a maneira que o próprio sistema vê e valora a educação intramuros; a relação dos alunos privados de liberdade entre si e ainda, como se relacionam com as normas do sistema, com o educador e com ele próprio.

Neste estudo, a educação intramuros é considerada um ambiente fundamental para se ofertar e adquirir cidadania, nela são elencados elementos para o desenvolvimento político e econômico do indivíduo, aproximando da democracia e da igualdade social, além de ser um importante recurso para a ressocialização de pessoas em privação de liberdade, da mesma forma que o trabalho. Indo mais além:

[...] enquanto “força formadora de hábitos”, a escola propicia aos que encontraram direta ou indiretamente submetidos a sua influência, não tanto esquemas de pensamento particulares e particularizados, mas uma disposição geral geradora de esquemas particulares capazes de serem aplicados em campos diferentes de pensamento e da ação, dos quais pode-se dar o nome de habitus cultivado. BOURDIEU (1992 p. 211).

Nesse sentido, a educação formal aparece como suporte para a ressocialização desse sujeito ao convívio social e as demandas que dele surge. Porém dentro do contexto penitenciário ocorrem processos formativos diversos que fogem do objetivo de ressocialização do sistema, como por exemplo receber a educação formal no sistema como fuga da rotina que o ambiente de encarceramento trás, até mesmo como alternativa para diminuir os dias privados da liberdade do indivíduo. Sentimentos como desesperança, tristeza, isolamento, frustração, transtornos psicológicos como depressão e ansiedade dentre outros podem interferir no processo de aprendizagem.

Outra variável, como a subjetividade sequestrada pela nova identidade que o crime julgado trouxe, também interfere nessa relação, em outras palavras, o sujeito perde sua identidade como “João” ou “Pedro”, passa a ser identificado por sua sentença: preso, estuprador, homicida, ou drogado, etc. Esse discurso propaga o preconceito e a intolerância entre os apenados, que se expressão no ambiente de sala de aula, refletidos em indisposição, intolerância, se manifestando, às vezes, como resistência à tarefa proposta pelo educador, dificultando ainda a troca de saberes entre o grupo escolar.

## CONTEXTO PENITENCIÁRIO

Falar de sistema penitenciário, antes de qualquer coisa é abordar as normatizações que regulamentam as ações dos sujeitos da instituição, seja os internos, os agentes de segurança, os que transitam como visitantes e familiares dos custodiados etc.

Comparando essas normatizações em Foucault como disciplina já dizia:

“(...) métodos, como caminho que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, o que denominou de “disciplina”, que para ele é uma fórmula geral de dominação.” FOUCAULT (1987, p.135)

São esses métodos<sup>2</sup> que nortearão todo o movimento relacionado a educação formal da pessoa privada de liberdade: desde a seleção dos custodiados alunos; a forma do agente penitenciário de agir com o custodiado no cotidiano em seus diversos contextos e demandas; sua chegada na unidade penitenciária; o recebimento do uniforme padronizado do sistema penitenciário local; corte de cabelo; as regras de comunicação com a equipe de segurança e de saúde; regras para receber visita de familiares e mantimentos; normas para participar de audiência, saída para banho de sol e atendimento psicológico, dentre outros, até procedimentos e ações relacionados a indisciplina e criminalidade durante o encarceramento.

Os custodiados que praticaram violência doméstica ou sexual, não são indicados para ficar na mesma cela dos apenados por tráfico de drogas, roubo ou furto etc, para não sofrerem represália. Quando o assunto é sala de aula, essa separação não existe, as diferenças precisam ser deixadas de lado para o interesse em comum: estudar dentro da unidade, pois apesar de ser um direito legalizado, nem todos conseguem. No Brasil as salas de aula intramuros não comportam a demanda inteira do sistema.

Conforme a Lei de Execução Penal:

Art. 6º A classificação será feita por Comissão Técnica de Classificação que elaborará o programa individualizador da pena privativa de liberdade adequada ao condenado ou preso provisório.

Art. 7º A Comissão Técnica de Classificação, existente em cada estabelecimento, será presidida pelo diretor e composta, no mínimo, por 2 (dois) chefes de serviço, 1 (um) psiquiatra, 1 (um) psicólogo e 1 (um) assistente social, quando se tratar de condenado à pena privativa de liberdade.

É essa mesma comissão que será utilizada para triagem na seleção de alunos privados de liberdade. De maneira geral, a comissão usa como termômetro dessa triagem, seja para trabalho ou estudo o próprio comportamento da pessoa privada de liberdade, que deve ser positivo em relação as regras da unidade, aos colegas de cela, com a Direção<sup>3</sup> da unidade e agentes de segurança dentre outros. E o que ambiente esse aluno ingressante irá encontrar?

Partindo da discussão de Foucault (1987), a escola no interior da unidade prisional deve ser um espaço de produção de conhecimento, de estudo, de estabelecimento de vínculos, de relações éticas, de questionamento e de participação. Nesse sentido, a escola dentro do sistema penitenciário tem o objetivo de alfabetizar as pessoas privadas de liberdade bem como inseri-lo no ensino regular dando continuidade aos seus estudos que de alguma maneira foi interrompido no extramuros.

Dentre os desafios para isso acontecer, seu movimento e atividades relacionadas a escola, fica à mercê do calendário<sup>4</sup> e ações da própria unidade penitenciária no qual está inserida. Por exemplo, quando os agentes de segurança percebem alguém tipo de risco de danos à saúde, físico, moral na unidade penitenciária, seja de motim, rebelião,

2. Boudieu denominará como fruto de habitus, e Foucault de disciplina.

3. Gestor máximo da unidade penitenciária.

4. Dias de revistas das celas, de receber mantimentos, dias de visita familiar, campanha de saúde etc.

surto epidêmico, acaba dispensando as aulas do dia ou dias se fizer necessário para realizar os procedimentos necessários relacionados à segurança da unidade, dos cautelados e da sociedade.

A relação da instituição com a Educação, nas unidades penitenciárias, é marcada por uma vigilância contínua diante do custodiado. No sistema carcerário para quem é familiarizado com o ambiente, seja de forma laboral ou de custódia, o discurso que prevalece é do sentimento de injustiça por parte dos custodiados pela situação de encarceramento e a vontade de “sair”<sup>5</sup> é grande.

Elenice Onofre (2002), em seu artigo “Educação Escolar na Prisão: controvérsias e caminhos de enfrentamento e superação da cilada”, aponta que:

“É impossível separar o processo educativo do contexto em que ele tem seu lugar. O espaço prisional é um marco especialmente difícil para os processos educativos, cuja finalidade, entre outras, é permitir que as pessoas tomem suas próprias decisões e, em consequência, assumam controle de suas próprias vidas e possam inserir-se na sociedade, de maneira autossuficiente. Nesse sentido, no contexto prisional a educação é uma ferramenta adequada para o processo formativo, no sentido de produzir mudanças de atitudes e contribuir para a integração social. Cabe ao educador papel relevante nesta tarefa, pois enfrentar os problemas quando em liberdade, significa administrar conflitos, analisar contradições, conduzir tensões e dilemas da vida diária.”.

Nesse sentido, compartilhando da opinião da autora, o sistema penitenciário e todos os seus envolvidos sofrem por inúmeros contextos, desde a superlotação dentro das celas e o convívio forçado dos custodiados entre seguir as regras da instituição, bem como os próprios servidores que trabalham em número reduzido e precisam dar conta da demanda, alimentar os custodiados, levá-los ao médico, as audiências, administrar conflitos internos, vigiá-los, protege-los etc.

A escola dentro da unidade se torna na cultura da instituição, muitas vezes mais uma tarefa para esse mesmo servidor ter que dar conta, pois precisa acompanhá-lo na sala de aula junto com seu educador e nem sempre estes entendem como uma tarefa positiva. Dentre os motivos estão o processo de revistá-lo, algemá-lo, encaminhá-lo ao a sala de aula, acompanhá-lo, garantindo a segurança dos educadores, da unidade, dos próprios agentes e custodiados, fazer todo procedimento de revista novamente para armazená-lo em seu local de origem, melhor dizendo, cela de convívio, com o intuito de inibir entrada de qualquer tipo de material ilícito ou de risco aos próprios envolvidos no sistema.

Entende-se por material ilícito, drogas, armas brancas como é popularmente conhecido no sistema as facas ou objetos pontiagudos de metais ou não, que pode causar dano físico a alguém. Serra de metal fino ou equivalente, capaz de cerrar as grades e possibilitar fugas.

---

5. Receber o alvará de soltura.

## O ALUNO PRIVADO DE LIBERDADE

A pessoa privada de liberdade possui uma relação com o estudo antes do seu processo de cautelamento. Ele é um indivíduo que traz em sua subjetividade uma série de valores, crenças, expectativas, desejos, frustrações, em que o processo de aprendizagem e escolar é mais um item para administrar.

A prisão pode ser um espaço de resgate desse processo de aprender que foi rompido ao longo de sua história de vida por diversos motivos. Partindo do pressuposto desse sujeito descrito acima, o mesmo geralmente possui o vínculo fragilizado ou rompido com a educação por anos a fio, antes de passar pelo processo de encarceramento.

Dentre os motivos, vão desde o capital cultural da família que está inserida, com ênfase no trabalho muitas vezes em vez da educação formal, acessibilidade do ambiente escolar, até a situação financeira da mesma que estimula o trabalho precoce do aluno para complemento da renda familiar dentre outros resultando no abandono escolar.

A relação do aluno com o colega de forma natural é marcada por relações interpessoais de diferenças de comportamento, cada um com sua subjetividade permeados pelo trajeto de vida, valores, crenças, frustrações, expectativas, interesses, complexos, limitações etc. Contudo no ambiente carcerário essa diferença tende a se potencializar, pois existe dentre os mesmo a intolerância dos delitos pelos quais foram julgados, bem como a cultura da separação da convivência em grupos por afinidade dos mesmos delitos.

A interação de apenados julgados por crimes diversos, interfere no relacionamento com o colega e a realização do estudo. Preso por homicídio tem resistência ao convívio com apenados por crimes sexuais por exemplo e isso também traz impactos para aprendizagem individual e coletiva, bem como na atuação do educador.

Em relação a família, em sua maioria não possui expectativa voltadas para o estudo do indivíduo em situação de encarceramento, pois está muito ligado o papel desse mesmo indivíduo ao apoio financeiro, por ser o chefe da família. A família, se esta estiver presente, espera desse indivíduo uma atividade laboral que ajude e ou complemente nas despesas financeiras de sobrevivência da família, não tendo espaço para o estudo e ou qualificação desse sujeito privado de liberdade focado em sua reintegração social.

Sobre a relação com o educador, a pessoa privada de liberdade, pela particularidade que sua situação de encarceramento o coloca, pode desenvolver uma relação que foge de outros contextos, na relação aluno e professor. O fato de sua privação do convívio social e limitações de relacionamento, muitas vezes estimula esse mesmo aluno demandar auxílio através de favores<sup>6</sup> a este professor que vai além do processo de alfabetização.

---

6. Fazer contato com a família, realizar aquisição de matrimentos etc.

Em muitos casos, esse mesmo aluno custodiado, apresenta um histórico familiar de fragilização de vínculos, muitas vezes rompido também, recorre ao professor para auxiliá-lo no resgate com o contato com a família por exemplo. Esse mesmo movimento pode partir também do professor em relação ao aluno, quando sensibilizado com a situação do sofrimento do aluno custodiado, ao ponto de confundir os papéis dentro da instituição, sem explorar aqui o lado negativo desse vínculo, que amplia da pessoa do professor como par qualquer outro servidor do sistema penitenciário, como a facilitação da entrada de objetos proibidos na unidade como celulares, entorpecentes dentre outros.

## **PROCESSO FORMATIVO NO CONTEXTO PENITENCIÁRIO POR FOUCAULT E BOURDIEU**

Após uma breve narrativa envolvendo o contexto penitenciário, suas características de sua legislação normatizadora até as mais peculiares, será refletido do ponto de vista dos autores acima, que elementos estão envolvidos nesse processo de formação, da pessoa privada de liberdade. O que se passa com ele? A que regras está sujeito e qual o objetivo delas? O que tem haver com a educação no sistema penitenciário e a sociedade de maneira geral?

Pois bem, de primeira mão, o primeiro desafio de trabalhar essa temática, é justamente ter acesso ela, de um ponto de vista mais essencial, fidedigno e verdadeiro. Isso porque investigá-la, de um ponto de vista mais intimista que esse trabalho propõe ao falar de formação, é um desafio ao pesquisador, pois perpassa uma série de elementos envolvidos na situação intramuros: de acesso ao ambiente penitenciário e os elementos que o contextualiza, de segurança e confiabilidade entre os envolvidos nesse processo dentre outros no que tinge o público de população carcerária.

O contexto, sua complexidade e periculosidade exige um critério de investigação singular, e ao mesmo tempo marcados por pluralidades decorrentes de experiências em comum desse público.

Paulo Freire (2000) ao abordar o percurso formativo, reflete que “(...) ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa”, o que não seria diferente no sistema penitenciário. Pineau (in Moita, 1983), sobre o assunto complementa referindo ao conceito de formação não só como uma atividade de aprendizagem situada em tempos e espaços limitadas e precisos, mas também como a ação vital de construção de si próprio parafraseando.

Essa construção de si próprio já é um processo de formação, e Bourdieu e Foucault irão trazer nessa leitura contribuições para pensar esse processo formativo, a educação que propõe a política governamental através das leis para recuperação desse sujeito e que nesse dialogo atingi essa proporção, a própria subversão dessa educação.

Pois bem retomando esse espaço penitenciário como reflexo do que é para Bourdieu (1992 p.206), um campo social, em que cada indivíduo é considerado como um agente dentro de um campo, estruturante e estruturado, permeado por mediações que ele denominou de “habitus”. O sociólogo referiu-se ao habitus como “*o que todos os homens tem em comum, um mesmo tesouro de admiração, de modelo, de regras, sobretudo de exemplos, metáforas, imagens, palavras, em suma, uma linguagem em comum (...).*”

O sistema penitenciário, palco desse agente e de seu processo formativo, através desse habitus (...) *esquemas linguísticos e intelectuais determinam muito mais os que os indivíduos aprendem como digno de ser pensado e o que pensam a respeito, pois atuam fora do alcance das tomadas de consciência crítica* refere-se Bourdieu (1992 p.213).

Em paralelo a esse processo formativo, ocorre a formação pela a educação formal, ou seja. a escola é outro espaço consolidado de formação de habitus para o sociólogo que “*encara a aprendizagem escolar como um dos instrumentos mais eficazes da integração “moral” das sociedades diferenciadas*”, argumentando ainda que a sociedade *não se dê conta de que a escola tende a assumir uma função de interação lógica de modo cada vez mais completo e exclusivo à medida que seus conhecimentos progredim.*

Em outras palavras, pensar os processos formativos no sistema penitenciário, requer falar em educação, como diz Bourdieu, *enquanto “força formadora de hábitos”*, afirmando ainda:

“A escola propicia aos que encontraram direta ou indiretamente submetidos a sua influência, não tanto esquemas de pensamento particulares e particularizados, mas uma disposição geral geradora de esquemas particulares capazes de serem aplicados em campos diferentes de pensamento e da ação, dos quais pode-se dar o nome de habitus cultivado.” BOURDIEU (1992, p .211).

Contextualizando ainda sobre “entendimento muito amplo da educação e formação, enquanto processos amplos e difusos, que ocorrem em todos os tempos e espaços de vida”, Cavaco (2016, p.1.), continua:

“O reconhecimento da formação experiencial revela-se essencial para compreendermos a complexidade, a diversidade e a continuidade do processo de educação e formação. O entendimento muito amplo dos processos de educação e formação no campo teórico da educação de adultos permite-nos analisar criticamente a subordinação da educação à forma escolar, questionar a naturalização da socialização escolar, enquanto forma privilegiada de socialização, e problematizar a escolarização da sociedade.”

Para contribuir para uma análise crítica da forma escolar, Nóvoa, (1999, p. 4) nos convida a refletir sobre “(...) toda a educação e todo o ensino, nas ‘fórmias’ e nas ‘fôrmas’ que a sociedade e o Estado consagraram”, ou seja, que tipo de molde se está estabelecido os saberes no contexto penitenciário, como se estruturam, que ações reproduzem.

Foucault ao pensar a formação do indivíduo nas instituições, trará a ideia do

corpo, dentro delas e de como esse mesmo corpo é visto como um objeto, capaz de ser domesticado, “adestrado” a partir de normas e punições, para que assim todos possam cumprir seu papel como pessoas submissas que não apresentara riscos as normas estabelecidas pelo poder vigente.

Ainda sobre esse processo, Foucault (1987, p.135), explica o método usado para a formação desse indivíduo submisso, no caso, a pessoa privada de liberdade, como caminho que *permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, o que denominou de “disciplina”, que para ele é uma fórmula geral de dominação, conforme descreve:*

“O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo.” (...) ““Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais — pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício.” (FOUCAULT 1987, p. 164).

O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame, argumenta ainda o Foucault. Logo refere-se ao último como:

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que em todos os dispositivos de disciplina o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. No coração dos processos de disciplina, ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam. A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo o seu brilho visível. (FOUCAULT, 1977, P. 164-165).

O foco é aumentar o domínio de cada um sobre seu próprio corpo, uma manipulação calculada dos seus elementos, de seus gestos e seus comportamentos no qual denominou de política de coerção.

Afirma ainda que o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica de poder” (...) A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência, FOUCAULT (1977).

O filósofo refere-se a essa disciplina, como a “invenção” de nova anatomia política que denominou “microfísica” do poder, entendida por ele como uma multiplicidade de processos, de origens e localizações diferentes esparsas, parafraseando-o, que se recordam, se repetem, ou se imitam, apoiam-se uns sobre os outros, distinguem-se

segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral.

E como se poderá pensar de forma prática o resultado dessa disciplina na presente discussão, que por outro lado não deixa de ser moldada também pelo habitus de Boudieu: Cabeça baixa; cabelos raspados; uniforme amarelo; braços para trás; mãos entrelaçadas e algemadas; correntes nos tornozelos; os famosos marcapassos; olhar fixo nos próprios pés; ouvidos atentos ao comando.

A cena leva a pensar numa reação formativa do habitus de Bourdieu, como também em outro elemento denominado por Foucault de efeito Panóptico:

“(...)induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. (...) Para isso, é ao mesmo tempo excessivo e muito pouco que o prisioneiro seja observado sem cessar por um vigia: muito pouco, pois o essencial é que ele se saiba vigiado; excessivo, porque ele não tem necessidade de sê-lo efetivamente.” FOUCAULT (1987 p.195).

Esse processo formativo num movimento de relação de poder, poderia ter várias vertentes dentro do contexto penitenciário. Logo acima obteve uma descrição típica das normas da unidade penitenciária enquanto custódia e seus agentes de segurança, estruturantes dessa lógica normatizadora. Porém as relações de poder também chegam no ambiente de convívio da pessoa privada de liberdade, ou detento com outro detento, situação essa que estaria ocorrendo dentro da unidade de encarceramento em que não era a formação da educação formal que estaria protagonizando.

A pessoa privada de liberdade que tem sua subjetividade sequestrada, identidade remodelada pelo novo ambiente que se encontra, com o novo ofício que lhe é imposto, no qual faz sentido suas escolhas em prol da adaptação em seu novo campo de atuação, se tornando alvo fácil de adestramento e manipulação, de maneira geral um corpo como objeto fácil de alvo e de poder, não o imposto pela via normativa oficial da unidade estruturante penitenciária, mas pelo processo experiencial que prevalece dentro do sistema, marcado por pela própria criminalidade, muitas vezes por perversidade, violação diversas de direitos, insalubridade, depersonificação dentre outras mazelas inaceitáveis ao ser humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o objetivo deste trabalho tentou chamar atenção de aspectos importantes do contexto penitenciário, a partir do que pensou a política de ressocialização preconizada na Lei de Execução Penal, da assistência educacional a pessoa privada de liberdade.

Essa educação foi abordada a partir da ideia de processo formativo da pessoa privada de liberdade. Narrativas desse contexto foi realizada convidando o leitor a um diálogo com o filósofo Michel Foucault e sociólogo Pierre Bourdieu.

Pensar o processo formativo desse público é olhar para as relações de poder e

dominação dentro do sistema penitenciário, que segunda a discussão poderá servir a diferentes agentes e contextos.

A pessoa privada de liberdade, quando em situação de usufruir dessa liberdade novamente, continua muitas vezes multiplicando os emaranhados da prisão, pois ele saiu da prisão, mas a prisão não saiu dele, dando espaço para a reincidência e alimentando o ciclo da violência e criminalidade novamente.

A educação no sistema penitenciário passa por inúmeros desafios, a começar a superlotação das unidades penitenciárias que de forma precária comportam os custodiados nas celas disponíveis, melhor dizendo, indisponíveis, pois mal conseguem comportar seus colchões.

Por outro lado, a mesma unidade tem o desafio para implementar a escola dentro da unidade, falta espaço físico, recursos materiais para construção de salas de aula, incluindo aí orçamento dos cofres públicos para esse fim.

Existe deficiência de profissionais, tanto professores como próprio agente de segurança que realiza a vigilância e proteção da pessoa privada de liberdade, bem como a segurança do mesmo educador.

Diante desse contexto, encontra-se uma série de barreiras para enfrentar o baixo nível de escolaridade no interior das unidades prisionais do país. O olhar da sociedade ainda reflete uma visão antiga, excludente e de caráter punitivo, características essa que o educador do sistema penitenciário não poderá compartilhar, procurando manter um comportamento reflexivo e crítico sobre seu ambiente de atuação.

Falta políticas públicas de formação inicial e continuada deste educador do sistema penitenciário para lidar com as problemáticas que o ambiente incomum o apresenta.

Nesse sentido, pode ser considerar sim que apesar do sistema penitenciário custodiar pessoas em conflito com o intuito de harmonização da sociedade, como argumenta a discussão acima, o que pode ocorrer é o contrário pois o custodiado devido a ao seu processo formativo no contexto penitenciário, pode dentre outras características descritas como as consequências da situação de privação (fragilização de vínculos, adoecimento físico e emocional, adaptação a nova cultura e regras do sistema) pode contribuir para a banalização da violência e criminalidade, prejudicando a ressocialização desse indivíduo.

Eis aí toda atenção que se remete essa discussão, que essa pessoa ora que no primeiro momento está privada de liberdade, num outro momento não mais, ou seja, ela retornará ao convívio da sociedade e merece toda atenção desta, pois será um agente direto do que diz Bourdieu estruturante desse mesmo sistema, não mais penitenciário e sim social.

E o que ela terá para contribuir, se o seu processo formativo é subversivo quando o assunto é educação, no caso aqui se referindo a formal ser subversivo, pelo o que ter aprendido durante seu estado de penitencia ou estadia na unidade penitenciária, não ter passado de aprendizagem de elementos que alimentam, mantém e propaga a

criminalidade e violência.

Olhar para isso, discutir sobre isso, pesquisar sobre o tema, é mexer na ferida do sistema sim, que não é somente a do sistema penitenciário mas social em geral, pois a ferida só é curada quando olhada, mexida e tocada, em outras palavras, só teremos uma sociedade harmônica, à medida que for olhada em seu lado obscuro e perverso também não com fuga, mas como olhar crítico e reflexivo de onde esse processo formativo perdeu seu espaço, força, discernimento, enquanto ferramenta de enfrentamento da criminalidade e violência e não como propagação da mesma.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

\_\_\_\_\_. Lei nº 7.210 - de 11 de julho de 1984. Lei de Execução Penal. **Diário Oficial da União, República do Brasil**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7210.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm)> Acesso em 17 de Ago. de 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo- Editora Perspectiva, 1992.

DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns dos seus componentes in NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN, 2014.

CAVACO, Carmen. **Formação Experiencial de Adultos Não Escolarizados: saberes e contextos de aprendizagem**. Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, 2015 p.1-17.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir História da Violência nas Prisões**. Petrópolis, Vozes 1987.  
\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de formação e de transformação**. In: NÓVOA, António (Org.). Vidas de professores. Portugal: Porto, 1995.

NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. **Educação escolar na prisão. Para além das grades: a essência da escola e a possibilidade de resgate da identidade do homem aprisionado**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**MARCOS WILLIAM KASPCHAK MACHADO** Professor na Unopar de Ponta Grossa (Paraná). Graduado em Administração- Habilitação Comércio Exterior pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especializado em Gestão industrial na linha de pesquisa em Produção e Manutenção. Doutorando e Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com linha de pesquisa em Redes de Empresas e Engenharia Organizacional. Possui experiência na área de Administração de Projetos e análise de custos em empresas da região de Ponta Grossa (Paraná). Fundador e consultor da MWM Soluções 3D, especializado na elaboração de estudos de viabilidade de projetos e inovação.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-163-3

